

# Como Trump venceu

Numa eleição tão próxima – que, note-se, foi de fato uma vitória para os Democratas num sistema de voto popular honesto e não no anacrônico e indefensável Colégio Eleitoral – muitas coisas fizeram a diferença. A supressão dos eleitores em Wisconsin poderia ter sido suficiente. A letra da décima primeira hora do diretor James Comey do FBI quase certamente era.

Mas algo grande parece ter acontecido, se as pesquisas imediatas forem confiáveis (ou seja, não se pode dizer muitas vezes, um grande “se”): os partidos trocaram um pedaço de suas circunscrições de classe.

Mais pobres e gente de classe média baixa votaram republicanos nesta eleição do que na anterior. Mais pessoas de classe média alta e rica votaram nos democratas. E os eleitores sindicais abandonaram os democratas dramaticamente.

As pesquisas feitas logo em seguida aos resultados são frequentemente pouco fiáveis, e temos de ser cautelosos ao utilizá-las. Mas também não são inúteis. Comparando os dados da pesquisa da CNN 2016 com os dados do Roper Center de 2012, vemos algumas mudanças muito importantes.

Obama ganhou apenas entre eleitores com renda familiar abaixo de US\$ 50.000, mas ele fez de forma esmagadora, 60-38, e perdeu todos os grupos de renda mais alta – um guerreiro de classe afinal de contas! Clinton ganhou esses eleitores de baixa renda por apenas 52-41. Então, sim, ela ganhou, mas com um declínio de onze pontos na vantagem dos Democratas.

Para eleitores com renda familiar entre \$50.000 e \$100.000, os números mudam muito pouco: 46-50 para Obama, 46-52 para Clinton. Mas ultrapasse os \$100.000, e as coisas voltam a ficar interessantes. Romney ganhou esses eleitores abastados com facilidade, 54-44, como os republicanos geralmente fazem.

Trump mal se aguentou por volta de 48-47. Isso é um ganho de nove pontos para os democratas.

Clinton era muito mais fraco do que Obama com os eleitores dos agregados familiares sindicais: ele ganhou-os 58-40, ela apenas 51-43. É uma perda de dez pontos.

Nenhum dos outros grandes números demográficos é tão dramático. Alguns são questionáveis – resultados mostrando que Trump se sai melhor entre os latinos do que Romney, por exemplo, são difíceis de igualar com o desempenho de Clinton superando Obama em condados com populações latinas pesadas. E uma pesquisa de saída em espanhol mostra um apoio latino mais forte a Clinton do que os números da CNN.

Mas o número interessante é a constatação de que Trump fez mais ou menos o mesmo que Romney entre os eleitores brancos: 58-37 para Trump versus 59-39 para Romney. Trump não atraiu mais deles do que Romney, mas com base nos resultados da renda, ele parece ter atraído outros diferentes – especificamente os eleitores que os democratas confiaram no passado.

E quanto ao sexo? De acordo com as pesquisas iniciais, Romney bateu Obama 52-45 entre os homens, enquanto Trump bateu Clinton 53-41. Obama bateu Romney 55-44 entre as mulheres, e Clinton conseguiu 54-42 entre eles – mais ou menos o mesmo que Obama. Clinton parece ter perdido alguns eleitores não republicanos do sexo masculino para o candidato libertário Gary Johnson, mas pouco mais mudou.

Então é verdade que os brancos e os homens, especialmente os brancos, elegeram Trump. Mas eles não o apoiaram em números significativamente maiores do que Romney. Isso não foi o distintivo na vitória de Trump.

O que significa isto tudo? Os números são compatíveis com pelo menos três explicações, cada uma com alguma plausibilidade e apoio anedótico e com valências muito diferentes.

## 1. Raça, mas isto é complicado

Este cenário gira em uma resposta de diferenciação à política de identidade racial e nacionalista de Trump. É embaraçoso na melhor das hipóteses afirmar que os eleitores que apoiaram Trump depois de apoiar Obama foram motivados por puro racismo.

Mas a campanha de Trump salientou raça em uma maneira distinta, que nem Romney nem McCain jamais fizeram, e pode ter soado uma campanha da política branca da identidade que simplesmente ninguém tinha tocado antes dele. É possível que ambos tenham afastado eleitores mais ricos e atraído brancos mais pobres.

## 2. Economia

O cenário é de que os eleitores de baixa renda e os eleitores sindicais desenvolvam um sentimento de abandono econômico pós-2008 por parte dos Democratas, com base na forma como o partido tem governado nos últimos anos, incluindo tanto os acordos comerciais como a Parceria Trans-Pacífico e o NAFTA quanto uma indústria financeira que ele abraça fortemente.

Isso foi ativado pelo populismo econômico desonesto mas eficaz de Trump, pelo destaque dado às relações de Clinton com Wall Street e pelos acordos comerciais das administrações Obama-Clinton. Assim como a raça, Trump tornou essas questões salientes de maneiras que ninguém fez em 2008 ou 2012.

## 3. Credibilidade e mídia

Esta é menos sobre a disjuntiva classe ou raça e mais sobre um sentido mais pessoal e contingente da respectiva credibilidade dos candidatos. Os números de Clinton desceram muito depois da carta do diretor do FBI, James Comey, anunciando a classificação de novos e-mails conectados com seu servidor privado. Talvez isto importou muito mais aos eleitores que migraram para Trump.

Para as pessoas nos ecossistemas de informação direitistas Fox/Breitbart, Trump às vezes exagera, mas Clinton é uma mentirosa e vigarista. Um pedaço desses eleitores são trabalhadores que, há cinquenta anos, poderiam ter obtido suas informações políticas básicas de um sindicato, e agora estão obtendo-as de uma extrema-direita conspiratória que os convenceu de que tinham o dever cívico de votar contra a mentirosa corrupta.

---

Estes cenários não são mutuamente exclusivos. A coisa é entender como eles podem se relacionar. Um foco nos números econômicos não implica um argumento bruto de “classe > raça”. Nenhuma pessoa séria poderia fingir que o apelo de Trump era racialmente inocente. Depois da campanha que fez, um voto para ele tinha um significado racista objetivo de uma forma que era diferente de um voto de Romney em 2012.

Além disso, a inocência racial é impossível na política americana, exceto como uma perniciosa ilusão. Neste país, classe e raça sempre foram inseparáveis, em várias combinações que quase sempre ferem pessoas não-brancas e geralmente ferem pessoas brancas da classe trabalhadora também.

Aqui está uma história. Trump atraiu os eleitores brancos da classe operária que tinham apoiado Obama. Ele o fez no estilo clássico do nacionalista de direita do século XXI, que ele compartilha com a Frente Nacional da França e outros movimentos nacionalistas da Europa Ocidental: oferecendo uma mistura de política de identidade branca e populismo econômico a pessoas que sentem que o partido tradicional de centro-esquerda não lhes oferece nada.

Aqui está Richard Rorty, um filósofo e social-democrata, escrevendo em 1998 com uma estranha presciência:

*Membros de sindicatos, e trabalhadores não qualificados e desorganizados, mais cedo ou mais tarde perceberão que seu*

*governo não está sequer tentando evitar que os salários afundem ou que os empregos sejam exportados. Ao mesmo tempo, eles vão perceber que os trabalhadores suburbanos de colarinho branco – eles mesmos desesperadamente com medo de serem reduzidos – não vão se deixar tributar para fornecer benefícios sociais para ninguém mais. Nesse ponto, algo romperá.*

*O eleitorado não-suburbano vai decidir que o sistema falhou e começar a procurar por um homem forte para votar – alguém disposto a garantir-lhes que, uma vez que ele é eleito, os burocratas presunçosos, advogados trapaceiros, vendedores de títulos pagos em excesso, e professores pós-modernistas já não estará dando as ordens . . . . Uma coisa que é muito provável que aconteça é que os ganhos obtidos nos últimos quarenta anos pelos americanos negros e pardos, e pelos homossexuais, sejam eliminados. O desprezo jocoso pelas mulheres vai voltar à moda. . . . Todo o ressentimento que os americanos mal educados sentem sobre ter suas maneiras ditadas a eles por graduados universitários vai encontrar uma saída.*

Donald Trump conseguiu isso com a ajuda da mídia de direita com dinheiro, da supressão de eleitores e da complacência dos democratas em obter a votação no Alto Centro-Oeste, onde o comparecimento geral foi baixo, principalmente entre os democratas. Mas a mudança radical estava transformando um eleitorado legado do centro-esquerda em uma nova base para a direita nacionalista.

Por outras palavras, bem-vindos à Europa de Marine Le Pen e ao UKIP.

Se estamos na nossa própria Europa Americana, os Democratas devem observar que os partidos de centro-esquerda que permaneceram mais ou menos neoliberais se fraturaram. Os trabalhistas estão com problemas eleitorais profundos no Reino

Unido. Os socialistas franceses esperam ficar em terceiro depois do centro-direita e os nacionalistas no primeiro turno da próxima eleição presidencial. A energia da esquerda está no novo radicalismo jovem e multirracial dos movimentos ao estilo Corbyn, embora ainda não tenham sido testados nacionalmente.

Ironicamente, embora os Estados Unidos cheguem a esta situação um pouco mais tarde do que a Europa, a nossa resposta de esquerda pode estar à frente da sua. O movimento Sanders – que é jovem, diverso nos seus jovens apoiantes (se menos nas suas gerações mais velhas), e também apelou a alguns dos círculos eleitorais primários que abandonaram Clinton em geral – parece ser a melhor fórmula para combater os novos nacionalismos. Estendê-lo, aprofundá-lo e mobilizá-lo com aliados como Black Lives Matter e Fight for 15 (e tantos outros), é o que precisamos agora.

É perigoso e improdutivo fazer da classe trabalhadora branca um fetiche. Mas toda vez que vejo os números de Trump e penso em sua campanha, me lembro de caras com quem cresci em West Virginia, com quem trabalhei em equipes de construção ou apenas conhecia meu pai, que era carpinteiro.

Os que eu gostava eram anti-autoritários, igualitários e basicamente pessoas abertas. Eles desprezavam os membros da tripulação que eram fanáticos, que gostavam de policiais e que gostavam de chefes. Aquelas caras, eles sabiam, eram idiotas. Trump fez a derradeira campanha de idiotas. Se você conheceu pessoalmente uma política diferente da classe trabalhadora, isso é de partir o coração.

Novamente, nada de fetiches, especialmente nostálgicos e racialmente exclusivos. A campanha de Sanders e o novo movimento negro de liberdade e outros radicalismos que se conectam com ele têm suas bases mais fortes em outros lugares, e eles seriam o futuro da esquerda mesmo que os trabalhadores do Cinturão de Ferrugem não tivessem abandonado Clinton e lhe custado a eleição (que é o resultado mais plausível desses

números).

Mas acontece que o resultado final desta eleição coincide com as razões do novo radicalismo: uma política de justiça econômica e de poder é o que precisamos. Fundamentalmente porque a social-democracia e o socialismo idealmente democrático estão certos, mas também porque, estrategicamente, o abandono desses compromissos abriu precisamente o espaço que a barbárie política de Trump veio ocupar. Temos de lutar por esse espaço, onde quer que ele exista, e por todos os que nele vivem.

Original: Jacobin Magazine